

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao

"Regenerador Liberal," — OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. Fonseca & Filho

Rua da Picaria, 74 — PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO
Amadeu Peixoto Pinto Leite
SECRETARIO da REDACÇÃO
Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA
Em Ovar (anno) 15000 reis
Com estampilha (anno) 15200 »
Brazil e Colonias 15500 »

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, a 6o reis a linha, largura d'uma columna. Anuncios e communicados, 5o reis; repetições 25 reis. Anuncios permanentes, contracto especial. Os snrs. assignantes teem o abatimento de 25 por cento.

GRANDE HOTEL CASINO D'ESPINHO

O edificio

Não é um primor d'arte architectonica, com rendilhados graniticos em estylo manuelino, com torreões esguios como as cathedraes allemãs. Não se parece nada, mesmo, com o Hotel Palacio da Matta do Busaco.

E' um edificio bem talhado, elegante, quasi austero na harmonia e singeleza dos detalhes. Dois andares corridos, amplos, mesurados, servidos por janellas harmonicas, bem rasgadas e elegantes. Estes dois andares, com janellas lateraes a olhar para duas ruas mais centraes da praia de Espinho, supportam um terceiro andar destinado aos hospedes de segunda.

Esta parte do edificio domina a villa inteira.

Das janellas descortina-se d'um lado a praia da Granja atufada n'um massiço de verdura, o recorte da praia até aos delineamentos parda-



Manoel Maria d'Oliveira Lopes

centos de Mattosinhos com os seus titans de pescoço esguio a contemplar a profundidade dos mares. Da outra banda o rasto em zig-zag do Caminho de Ferro do Valle de Vouga que se esconde entre dunas e pinheiras.

As freguezias de Anta e Sirvalde, orladas de pinhaes e moitas, pretendem abafar a praia comprimindo até ás aguas. Para se fugir a esta asphixia, basta subir ao Grande Hotel e espreitar por sobre a, côma verde-negra dos pinheiras. O horizonte alarga-se, o panorama toma novas proporções.

O mar está alli a dois passos, a rolar na areia a chamar os banhistas, a espelhar em prismas azues a luz doirada e mortiça do poente.

Mesmo aos pés do Hotel, como um tapete de verdura, mosqueado de arbustos, fica o Parque, com co-reto, mezas e cadeiras de jardim, a que nos referiremos mais abaixo.

Para o Grande Hotel attingir as raia do non plus ultra em commodidades, conforto e hygiene, os empresarios fizeram aquisição d'um lindo Chalet, encravado n'um bello jardim, destinado especialmente aos banhistas gerezianos que com tantas difficuldades luctam em obter, nas praias de Portugal, hotel capaz

de lhe fornecer o regimen dietetico sem o qual não se podem conquistar os resultados therapeuticos almejados.

Os dois Ribeiros

Os srs. Ivo e Herminio Ribeiro, proprietarios do Grande Hotel Ribeiro do Gerez, são naturaes d'aquellas Caldas, filhos do antigo proprietario do Hotel mencionado, actualmente sob a gerencia d'um outro Ribeiro, irmão dos empresarios do Grande Hotel d'Espinho.

Com longa pratica n'estas empresas d'hoteis, é de esperar que continuem os Irmãos Ribeiros na larga colheita de sympathias a que têm direito o seu trato affavel e distincto, a lhaneza modesta e desprendida das suas palavras, a correcção nos seus contratos e transacções.

Não queremos entrar em minudencias de apreciações mais demoradas sobre a personalidade dos dois irmãos Ribeiros, para não lhe irmos ferir a modestia, espevitando-lhes o anathema contra as nossas revelações intempestivas.

Um brasileiro de se lhe tirar o chapéu

E' portuguez de legitima costella, natural da freguezia de Vallega (Ovar), filho de honrados lavradores. Foi para as terras de Santa Cruz aos 13 annos em 1880; ganhou uma fortuna á custa de trabalho, de sacrificios, de energia e boa vontade. Vinte annos mourejou, longe da patria.

A sua freguezia deve-lhe melhoramentos incalculaveis. A politica local quiz recompensar-lhe o altruismo e abnegação solicitando do governo um viscondado. Até se chegou a proceder ao rito do baptismo, segundo o ceremonial politico, dando ao neophito brasileiro o nome de Visconde de Santa Maria de Vallega.

Manoel Maria d'Oliveira Lopes recusou esse enxerto forçado nas tradições da sua familia. Este facto define o actual proprietario do edificio do Novo Hotel.

Enterrou em Espinho grosso capital comprando o Theatro Alliança, o Parque contiguo, construindo o edificio do Grande Hotel Casino de Espinho.

Espinho agradece-lhe penhorado os melhoramentos que um benemerito tem introduzido n'uma praia que vê deante de si um largo futuro; Ovar compraz-se em lhe poder chamar seu filho.

O Casino

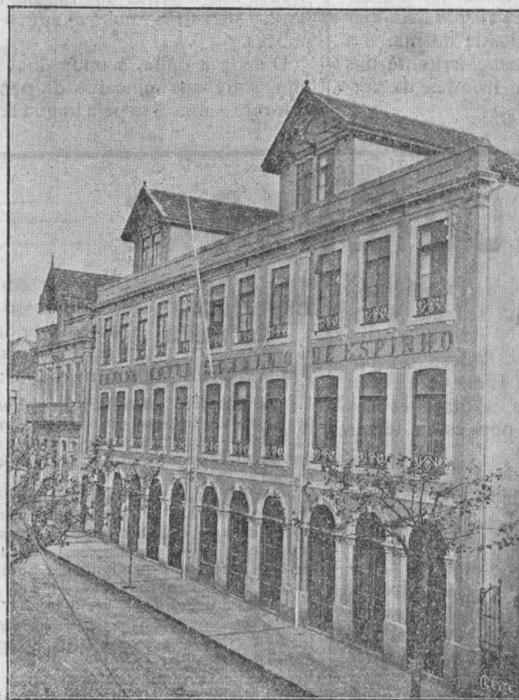
Obedece a todos os requisitos modernos e de segurança.

Os vastos salões destinados ao jogo ficam separados dos salões destinados ao Café por largos portaes de ogiva em vitraux.

Tanto um como outro salão, pintados a oleo no tecto e paredes, estão guarnecidos com lindos quadros, enormes cristaes, plantas exoticas, etc. Os bilhares, marca Progrebior, dois pianos esplendidos, a profusão de arbustos, quadros, pingentes, lustres etc., dão ao salão um aspecto feerico e deslumbrante.

Sabemos de fonte limpa que já está contractado em Madrid um sexteto, para o Grande Hotel d'Espinho, composto de alguns professores do Conservatorio madrileno.

Ao Grande Hotel d'Espinho está reservado pois um largo futuro; nem outra cousa é de esperar, porque,



Grande Hotel Casino de Espinho

desde ha muito, Espinho vem conquistando direito a um estabelecimento das proporções do novo Hotel.

A sala de jantar

A' sala de jantar para os hospedes está annexo o salão-restaurant. Os empresarios vieram transtornar por completo os velhos habitos, tão encarnados na tradição.

As mezas não tem aquelle aspecto rotineiro e tradicional de via lactea. Em muitos hoteis ainda hoje estão em uso as mezas longas, do tamanho da legoa da Povoia, com oasis de flores em centros de vidro da Fabrica do Côvo.

Hoje, os bons hoteis portuguezes, os urbanos principalmente, baniram isso; e os empresarios do Grande Hotel fizeram o mesmo, acabando com o regimen das mezas de banquet.

O Grande Hotel d'Espinho serve os seus hospedes hoje em mezas para 4, 6, 8, 10 pessoas.

Em casos excepcionaes as mezas ligam-se, encaixam-se como os élos d'uma centopeia e ahi fica, d'um instante para outro, uma meza para duzentos talheres.

As salas pintadas com singeleza e bom gosto adornadas com arbustos, uma floresta de bijouterias fazem da sala de jantar o que quer que é de oriental, phantastico, exquisito.

Os trinchantes lateraes, aparadores, as torneiras, as lampadas electricas lateraes e do tecto, os cristaes de Veneza, o serviço de buffet, a copa ao fundo, tudo isto n'uma enorme sala de 30 metros de comprimento, em proporção e harmonia, deixam no espirito um certo encanto e suscitam no estomago um certo bem-estar e aconchego.

O serviço cullinario e de meza é tudo quanto de mais moderno ha em Portugal. A bateria de serviço de meza e de café, em metal branco, para duzentas pessoas, é cousa unica. Proveniente da Allemanha, é phantastica na novidade e variedade.

O serviço para peixe é unico em hoteis; os paliteiros d'um gosto chinês, acrobaticos e interessantes; os porte-menús para o Restaurant exquisitos, moderne style, tudo vindo do estrangeiro e

monogramado com as iniciaes do Grande Hotel. Vimos um jogo de cristaes variadissimo. Ao lado de cada meza tencionam os proprietarios instalar uma gela-deira, como é uso na Argentina e já se vae introduzindo em alguns hoteis de Portugal e Hespanha.

A cosinha

Um magnifico fogão, boas fornalhas, dependencias para dispensa, carvão, lenha, casa para massas (não nos referimos ao cotre!) hortaliças, um frigorifero Carré para conservação das carnes, luz electrica em todas as dependencias da cosinha e do Hotel, tudo em verdadeiras condições de hygiene, limpeza e asseio.

A agua

O Grande Hotel d'Espinho tem agua encanada em todos os andares. E' esta fornecida por um bello mo-

tôr a petroleo assente n'uma das dependencias do estabelecimento.

Para a parte posterior do Hotel, ergue-se ligado ao primeiro andar



Ivo Ribeiro

por uma passarella, um largo varandim, coberto, ornamentado de arbustos, destinado a casa de fresco e cavaco. Cadeiras de junco e mezas de jardim aguardam os banhistas nas horas mornas da calma fatigante ou da digestão pacifica.

Tabacaria

N'um dos angulos do edificio está rasgada uma tabacaria que dá, d'um lado, para a rua e d'outro para o promenoir interior, ao ar livre, uma floresta estreita de arbustos que acompanha e sombreia toda a sala de jantar, pelo lado do nascente.

O atlio

Allumiado por janellas de vitraux, mobilado com bellas cadeiras estylo



Herminio Ribeiro

inglez, porteiro em grande uniforme, escadas bem lançadas, patamares adornados a primôr, é um portico digno do edificio.

Os dois andares

Quasi eguaes na disposição, corredores espaçosos, arejados, orna-

mentados, profusão de escarradores, quadros parietaes, tudo nos dá a impressão do selecto gosto artistico que presidiu á distribuição d'aquelles pequenos nadas, sim, mas que deixam sempre no espirito um vinco indelevel de bem-estar.

Os quartos são espaçosos, com janellas, bem divididos, campainha e luz electrica, mobilia em madeira *estyllo inglez*, meza e cadeiras do mesmo estylo.

Em todos os quartos, guarda-vestidos com porta de crystal; as camas com colchão d'arame; paredes das salas, corredores e quartos pintados a oleo.

Em cada andar quartos de banho, mictorios, salas de *toilette*, tudo que requer aquelle conforto e commodidade que se tem em casa.

Gabinete de leitura

Ao abandonar-se a escada, no primeiro andar defronta-se-nos logo o gabinete de leitura, com jornaes portuguezes e estrangeiros. As cadeiras que cercam a meza do gabinete são em estylo italiano, muito distincto, elegante e ligeiro.

Forrado a papel, bem illuminado, este gabinete dá para o *Parque* que fica em frente do Hotel.

Parque

E' um largo jardim, arruado, com sombra, cadeiras, mezas; lá serão fornecidos, nos dias de calor, jantares e café. Tem um bello coreto, onde todas as quintas e domingos tocará uma banda de musica contratada pelo Hotel.

regimen dietetico

Contiguo ao hotel fica, como já dissemos, o *Chalet* destinado aos doentes sujeitos ao regimen dietetico. Tem tres bellas salas, 10 a 12 quartos, jardim, etc.

Assim reunidas as duas habitações, pôde-se afoitamente dizer que o Grande Hotel comporta 100 hospedes.

Os empregarios do *Grande Hotel* estabelecerão, pois, um regimen rigorosamente dietetico, conformando-se assim com as prescripções medicas e com os cuidados que n'um hotel exigem os doentes d'esta natureza.

Porto em Espinho

O *Grande Hotel d'Espinho* fez tambem uma installação telephonica, pondo-o assim em communicacão directa com a capital do Norte.

Inauguração

E' no proximo dia 5 de junho a inauguração do *Grande Hotel*. Constatamos que será n'esse dia fornecido á imprensa um jantar.

D'esse dia em diante estará aberto ao publico aquelle Hotel, estabelecendo desde então serviço de café e restaurante.

As commodidades, que um estabelecimento de tal ordem proporciona, não vêm exigir, como seria de suppôr, luxo algum no preço das diarias.

Barateza, commodidade, conforto, qualidades estas que vem impôr o Grande Hotel a todos os frequentadores de Espinho.

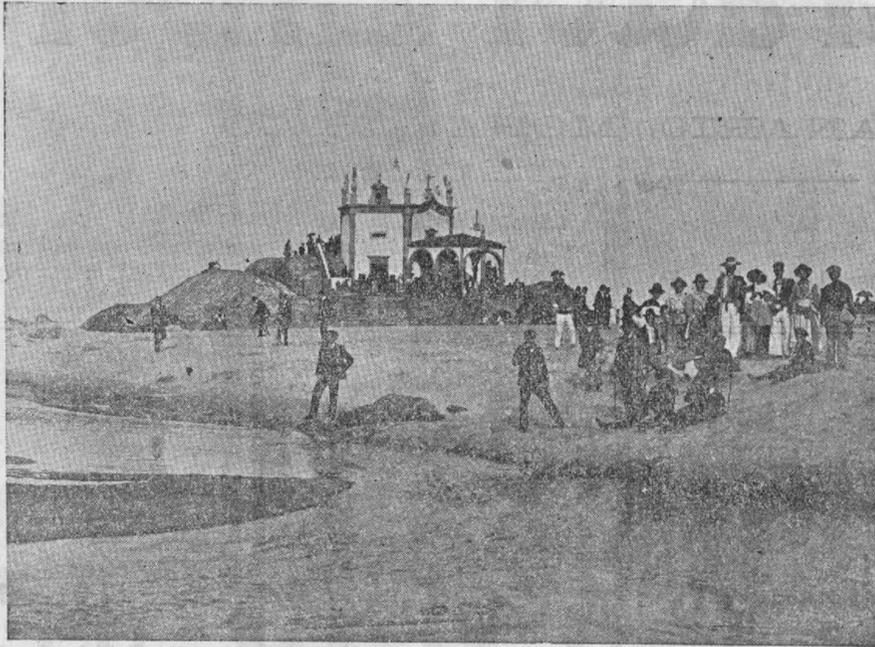
Lamentavel desastre no Senhor da Pedra

No comboio 1523—entre o apeadeiro de Francellos e Valladares, na occasião em que a passageira de nome Maria dos Santos, viuva, de S. Christovão de Mafamude, passava d'uma carruagem para outra pela plataforma, cahiu desastrosamente á linha entre os engates, fracturando o craneo o que lhe causou morte instantanea. Suppõe-se que passava d'uma carruagem para outra afim de se juntar aos filhos, que deixa orphãos em numero de 5.

Casamento

Consoiciou-se no ultimo domingo na igreja de Ovar o nosso amigo Sr. Manuel José de Pinho Junior com a menina Roza Pina Arada. Desejamos-lhes todas as felicidades de que são dignos.

O SENHOR DA PEDRA



E' uma das mais concorridas, se não a mais concorrida festa do norte do paiz. A' festa de Mattosinhos affluem muitos forasteiros, mas não têm como os *habitues* do Senhor da Pedra, aquelle tom de garridice, de esturdia, de folgasã brejeirice de que se revestem os *devotos* do Senhor da Pedra. Entre o cortejo brinca-lho que palmilha as praias de Mattosinhos, nas lévas de condemnados ao paganismo tradicional em que vae descambando aquella festa muita gente se vê lá, vinda de longe, em cumprimento de promessas feitas, em horas criticas da vida, ao Senhor de Mattosinhos.

Entre aquelle tumultuar doído de gente ávida de goso, prazer e divertimentos, entrelaça-se muita alma crente que a fé religiosa ali attrae.

Não se dá o mesmo no Senhor da Pedra. Vae-se ali para molhar os pés na agua salgada do mar e a garganta no verdasco irritante das pipas cobertas com frondes de carvalho.

Vae-se ali para provar os primeiros morangos de Coimbraes, arranchar-se a um pic-nic *sub umbra pinastri*, acocorar-se deante d'um cesto bem fornido, animar um arraial ephemero que nasce e morre com o sol d'um dia!

Os comboios vomitam povo continuamente que de longes terras ali vem bater com os ossos, subir á rocha escarpada que tem ás costas uma capellinha branca como a espuma do mar que lhe bate á porta.

E' pittoresco o aspecto d'esta festa. Uma promiscuidade de trajos, e alguns phantasticos e carnavalescos, de cantos, de moças, de ditos que se entrechocam, de braços que se apertam, de mãos que se cumprimentam, de gravatas multicores que se confundem, de flores estimadas nas lapellas dos brazileiros e flores silvestres nos chapéus dos pobres.

D'onde a onde, a onda do... vinho sobe aos pinaros da penedia *pensante* e escôa-se pela lingua em di-

toches ou pelo landreiro em pancaria.

Aqui e alem, muito circumspectos, passam *artistas* aos pares, de gravata bem posta, bengala barata, sapato afiambreado, olhando disfarçadamente para as *arrecadas* d'uma lavradeira de Grijó ou para a corrente d'um *brazileiro* incauto. Cuidado com elles! Apanham uma carteira emquanto o diabo esfrega um olho.

E' uma festa *bachanal*, uma festa de esturdia!

Ovar tambem se faz representar muito razoavelmente na festa do Senhor da Pedra. Os *tramways* são tantos e tão depressa d'esta villa chegam ao apeadeiro de *Mira-Mar*, que, se não fosse para apagar saudades aos que se arrependeram de lá não ter ido este anno, nem lhe pintavamos aqui no *Regenerador* aquella capellinha que estão vendo encarrapitada no dorso d'um penedo.

AGUILHADAS

Alpoim com-promettido

O grão mestre da Maçonaria portuguesa, o republicano Magalhães Lima, emigrado pela França, anda a dizer cousas levadas da bréca por essas terras alem.

A um redactor de *L'Action* disse elle ha dias: «Ao lado dos progressistas do sr. José Luciano de Castro, ha os progressistas-dissidentes do sr. Alpoim, que são quasi republicanos». Venha agora o sr. Alpoim, por alcunha moderna o *pae dos coregos*, prégar a sua lealdade monarchica que o prende ás Necessidades pelo *cerebro e coração!*

Abandonado pelos collegas

O sr. Bombarda, depois que se virou a prégar aos peixes republicanos e aos patos de todos os partidos á sombra da *Liga Liberal*, vê-se abandonado pelos seus amigos. O *Liberal* constata mais o caso de duas evasões de Rilhafolles, commentando-os assim:

«*Rilhafolles de porta aberta*—Esta madrugada fugiram do Hospital de doídos, mais dois doentes de alienação mental, que allí estão aos cuidados do seu superior, o illustre alienista e eminente alienado sr. Bombarda.

Um dos foragidos foi mais tarde apanhado no bairro Camões e o outro no Campo Grande.

E' já dos livros: quando o sr. Bombarda sahe do hospital a desancar os frades e freiras da... Edade Média, imitando assim o seu collega Alpoim, illustre *pae dos coregos* como agora lhe chamam—logo os outros doídos procuram fazer o mesmo. E é que não ha razão para lhes coarctar essa liberdade, desde que o seu superior na malqueira a tem.

Pois hoje mais dois... Está dito então!

Está contorne!

Esperteza de burro

Vae por conta e risco do nosso presado collega da capital, o *Correio da Manhã*. Nem mais nem menos:

«*Que lináo!*... —Do Borges no *Mundo* a proposito do discurso pronunciado por um advogado republicano no julgamento d'um dos implicados no caso das associações secretas:

«Comprende-se que o discurso do illustre advogado não produziu effeito algum no espirito do juiz Dias Ferreira. Mas produziu na opinião publica, cuja toga não é de seda preta, mas de dignidade humana». Isto é lindo em toda a parte!

Lindo e flagrante de verdade... Parece que se está a ver a Opinião Publica a escovar a toga e o sr. Pepino da Motta a dizer-lhe:

—Olha lá, ó tu!, vê se compras meio metro de dignidade humana para deitar uns remendos na toga que se está a rir por todos os lados.

Está escrevendo lindamente o nosso Borges!

Quem havia de dizer que ainda viria a escrever coisas tão lindas aquelle Borges que todas as manhãs no collegio, por teimar em não lavar os ouvidos apanhava uma sova como aperitivo, para as sovas que vinha a apanhar durante o dia por teimar em não aprender a ler.

—Quero ser burro!... Quero ser burro!... berrava elle furioso, batendo com o pé no chão a cada bordoadada que o perfeito lhe dava.

E levou a sua ávante... o diabo do rapaz!

Effectivamente o sr. França Borges orça por Emygdio Navarro... no conceito da *cauda lamacenta*. Pois, de resto, é como diz o *Correio da Manhã*.

O «Mundo» sem uma moleta

E' do *Liberal* a informacão: Consta-nos que dentro das muralhas do *Mundo* vae o demónio entre a sua guarnição e os varios commandantes com o seu generalissimo sr. Affonso Costa.

O Sr. Cunha e Costa, dizem-nos, por motivos de alta gravidade já deixou de colaborar nas columnas d'aquella gazeta.

Para onde irá esse anno tocar realejo agora?

O *Mundo* substituiu-o pelo *Marinha de Campos*. Este Campos não tem um attestado paterno como Cunha e Costa. E' homem de boas palavrinhas e más intenções. Que o *Homem* lhe não ponha a calva á mostra, senão o partido republicano tem de ir amanhã recrutar articulistas á *Caparica*.

O caso é grave

É grave, é gravissimo, meus senhores! As cousas vão más, vão pessimas!

Emquanto a *Patarata* tratava da alta politica nas horas vagas, no intervallo da inspecção *olfatica* que distingue o bacalhau inglez do noruega, tudo corria bem. Agora as cousas mudaram de figura. Temos barricadas, *Robespierres*, *Marats*, o diabo a sete em Ovar e para breve.

A «Patria» vem desanimada no editorial ultimo. Começa a tremer, com as mãos nos códs das calças, deante da *Reacção* que invade a politica:

«A sociedade portuguesa é affrontada pela reacção clerical...»

Ail pobres lavadeiras que vos ides vêr á brocha com o medo dos... outros!

Depois tenta fugir para fóra do existente, para o mundo dos possiveis, dizendo que não pode haver: «*esperança de resurgimento nacional dentro do existente*».

Então nem ao menos será possível esse resurgimento, não na atmospheria da revolução, mas na atmospheria, muito tenue, muito rarefeita, quasi *não existente*, do *Cometa*?

Esperem, meninos, não vão assim logo ás do cabo. Quando o cometa tornar a passar, então talvez já possa haver *republica portuguesa*. E é opinião dos menos exaltados em republicanismo e mais auctorizados no monopolio de senso commum.

Ora esta! O caso é grave, é gravissimo!

Mas assim com *Dantons* deste calibre não ha remedio senão dizer com elles:

«*é pleonasmo estarmos a discutir o direito á Revolução!*»

Já nos admiravamos que a *Patarata* estivesse por tanto tempo com a viola no sacco!

Diz que a intervenção do papa em negocios de Portugal, condemnando «*A Voz de Santo Antonio*» é uma questão politica.

Informada, como anda, pela gente do *Mundo*, a *Patarata* não diz coisa com coisa.

Nada disso foi, *Patarata* do nosso coração.

Se quizer saber os verdadeiros motivos que levaram o Santo Padre a mandar suspender a revista dos franciscanos, peça por bocca que lhe diremos essas cousas todas *pi-á-pá santa-justa*.

Por enquanto vae a *Patarata* mentindo; mas mente inconscientemente, porque anda mal informada. A culpa não é della, coitada.

Um morto resuscitado pela «Patarata»

Quando foi do Regicídio, os republicanos lamentaram-se, fizeram o necrologio de Ramalho Ortigão, dizendo que elle tinha morrido para o seu passado glorioso.

Chegaram alguns jornaes a escrever-lhe o necrologio. E todo este aranzel pelo facto de o distincto escriptor escrever verdades duras, realçando os meritos de D. Carlos, na *Gazeta de Noticias* do Brazil. Esse artigo foi espalhado em folheto profusamente pelo paiz.

Disseram cóbras e largatos do homem.

E tanto d'elle como de Fialho d'Almeida, hoje franquistas!

Agora andam a escorripichar-lhe a prosa nas paginas das *Farpas!*

Oh inconsciencia humana! Oh logica dos homens!

PILATOS & C.ª

Assalto

Continua sob ferros de el-rei o sr. Manoel da Silva Henriques, apesar de todos o considerarem innocente no crime a que no ultimo numero nos referimos com este titulo.

Diz-se que esse bondoso velho está sendo victima de odios politicos e pessoas do sr. Veiga, de Vallega.

Valha-nos Deus, que não sahimos dos velhos caminhos da vingança *caciqueira* que tão má reputação nos creou nos tempos dos Lopes, do Porto, e do Sueco.

Olhem que os tempos d'hoje são outros.

Se o sr. Henrique está innocente, para que o perseguem como criminoso?

Os signaes conhecidos da sua culpabilidade não prestam, repetimos.

Se outros não teem mais seguros e evidenciadores da sua responsabilidade, para que conservam ainda preso o honrado velho?

Sr. Veiga, seja generoso para com quem lhe não fez mal nenhum.

Mande soltar o homem. Não se sobreponha a justiça para cevar a a sua vingança.

Isso é vergonhoso.

Consorelo

Receberam-se em matrimonio na igreja matriz, no dia 22 do corrente, o nosso presado amigo Affonso José Martins e a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Luiza Ferreira, filha do abastado capitalista, de Esmoriz, Sr. Antonio Pinto Ferreira.

Aos jovens conjuges que tanto se distinguem pelos bellas dotes de alma, appetecemos um futuro muito feliz e apresentamos-lhes, bem como a seus paes e nossos amigos Affonso José Martins e Antonio Pinto, effusivos cumprimentos.

Para muitos annos.

DE CAVACO

—Bom dia, como passaste?
 —Eu... passei bem, muito obrigado; e tu, onde te tens enterrado, que não ha olhos que te vejam?
 —A chuva, o medo do cometa, que passou sem nos tirar o chapéu, a lama das nossas estradas, emperaram-me as canellas, prenderam-me em casa e fizeram-me assim um bicho do buraco.
 —Está bem, está bem. Mas saudinha, por uma pá velha, hein?
 —Assim, assim. Trabalho como de costume; todos os dias leio o meu *Janeiro* nas horas vagas e os *canudos* da Parvonia duas vezes por semana. Que se ha-de fazer? Vae a gente arrastando estes dois dias da vida, homem!
 —Então também gastas tempo a ler os *canudos* do burgo?
 —Sim, e quasi todos, quando calha. Mas olha que não faço d'elles prato tão forçado que se me atraze a digestão quando me falta tal leitura, lá isso não.
 —E que dizem essas folhas?
 —Que dizem! Tens cada uma, meu caro! Uns gastam o seu *latim* annos e annos, a fio, a provar que o Theophilo é um tólo, e o *Theophilo* sempre a mandal-o a baixo de *Braga*; outros queimam as pestanas a demonstrar *redibitoriamente* que D. Manoel é um rebento enfêzado d'uma arvore carcomida; outros derancam a tesoura a recortar artigos do *Diario Popular*, para encobrir miserias ou para economisar talento; outros estão sempre em terreno falso e esperam que o Alpoim se determine para assentarem arraiaes definitivos.
 —Que diabo! Tu ás vezes és caustico como um *Rigolott*.
 —Qual caustico, qual carapuça! Nada disso, meu amigo. E' a linguagem da verdade, é a impressão *nua e crua* que a inspecção das cousas e o conhecimento dos homens me deixam no espirito.
 —Bem. Então tu que lês os *canudos* diz-me cá: a *Misericordia* pega ou não pega?
 —Meu caro, franqueza, franqueza; no meu entender, e oxalá que intendesse mal, não ha enxerto que grude. Vejo muito alvitre, muita discussão, muita casaca a dar a dar...
 —Effectivamente a casaca fica bem debaixo d'um *decalitro*, encastoad em luvas de pelica, ou em frente d'uma taça de *champagne* a impor silencio ao auditorio embasbacado na hora solemne dos brindes.
 —E' isso mesmo. Feres bem a nota e vês as cousas pelo seu ponto vulneravel. Por isso é que te disse e repito que não ha, infelizmente, enxerto que grude no arbusto da *Misericordia* capaz de a fazer dar fructos. Se houvesse (isto é opinião meramente pessoal, entendes?) se houvesse mais energia, menos vaidade e mais boa vontade de servir aquella obra... se houvesse mais desapêgo ás opiniões pessoais e menos prosa na discussão dos estatutos *fundamentaes*!...
 —Outro gallo cantaria, não é isso? Perdeu-se muito tempo em questões de *lana caprina* effectivamente; suscitaram-se contratempos imprevistos

(12) FOLHETIM

JULIO DINIZ

AS PUPILLAS

20

SENHOR REITOR

Chronica d'aldeia

Estas conjecturas porém não lhe offerciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperar-a do entretenimento que não podia tardar.
 De facto não tardou. O reitor saiu a final da sacristia, e dirigiu-se immediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistal-o.
 —Está á vontade, José, está á vontade. Ora... nós temos que falar a respeito do teu pequeno.
 —Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que v. s.^a vir que...

com que o choque de crenças não se coadunou.
 —Já não digo tanto. Mas olha, tempos houve em que a ideia da fundação da Misericordia em Ovar fez furor. Toda a gente via com bons olhos essa obra de caridade christã. Era então o momento, releva-me a expressão, psychologico mais azado para a fundação da Misericordia. A cousa marchava ás mil maravilhas. Então, sem perda de tempo, devia determinar-se o local para o edificio, não se descurar o benefico e legitimo assalto aos cofres das pessoas abastadas e á magra bolsa dos remediados. A subscrição não paralisava, a ideia da Misericordia não arrefecia...
 —Sim, essas desavenças e recontros de opiniões entre aquelles que se arvoraram em competentes, esfriaram um pouco a opinião publica e tendem, infelizmente, a comprometter o futuro da *Misericordia*, obra d'um alcance social indiscutivel.
 —E' isso mesmo. Quando a brisa corre favonia, nem sempre o furacão da discordia, envolvido na nuvem das discussões, rompe o velame á embarcação. Se, com effecto, se abafassem essas *tricas*, se houvesse mais respeito pelas tradições religiosas do povo e se não tentasse excluir da ideia de misericordia a noção popular de caridade christã, o povo adheria em chapa, a subscrição não se encravava e...
 —E a *Misericordia* pegava então de estaca, em bom terreno, tomava raiz e Ovar colheria os fructos beneficos d'uma nova instituição, não é assim?
 —Está claro.
 —Assim, como dizes, pode vir a Misericordia, pode não vir.
 —Credo. Isso não. O meu pessimismo não sobe a esse ponto. A Misericordia ha-de vir, ha-de vir, se Deus quizer. Mas tenho cá o meu presentimento que virá assim á láia de caracol, devagarinho, muito devagarinho...
 —E se vier á láia de caranguejo?
 —Para longe o agouro. O caranguejo, como sabes e dizem os entendidos, *anda para traz*. E mal imaginas o quanto é custoso fazer voltar para *traz* o dinheiro d'uma subscrição malograda.
 —Nesse caso, como tudo hoje se resolve por *companhias*, faz-se uma *Misericordia* com accionistas. Cada doente pagará um tanto e a companhia terá dividendos... muitos dividendos. Então teremos uma *Misericordia* sem misericordia.
 —E se a companhia tiver também o seu *Quintella*?
 —Então, n'esse caso, ficarão os accionistas a chuchar no dedo.

Fallecimento
 Sepultou-se na segunda feira no cemiterio d'esta villa a snr.^a Anna Duarte Faneco, esposa do nosso bom amigo snr. Antonio Rodrigues Faneco e sogra dos snrs. José e Manuel Augusto da Cunha Lima. A estes, bem como ao sobrinho da fallecida nosso presado amigo snr. José Rodrigues Faneco, as nossas condolencias.

—Nada, nada. A cousa agora é muito differente.
 —Então?
 —E' que... Ora escuta, José. Lembra-te de que eu te disse, aqui ha tempos, que o rapaz havia de ser padre?
 —Se lembra? Muito bem. E eu disse...
 —Bem, bem. Pois... se queres que te falle a verdade... parece-me que o melhor... é dar-lhe outra arrumação.
 José das Dornas parou e pôz-se a olhar boquiaberto para o reitor.
 —Então... o pequeno não tem memoria para os estudos?
 —Tem, tem, e até de mais... Mas... ouve cá: esta vida de sacerdote quer vocações decididas. Não as havendo, é um grande erro abraçal-a, e um grande peccado constanger ninguem a seguir-a contra vontade.
 —Credol! Pois quem diz menos d'isso? Mas então, acha o snr. reitor que o rapaz não terá quéda?...
 —Hum, hum...—murmurou o

BOLETIM

ELEGANTE

Retirou, melhorando de situação, de Tancos para Castello de Vide o nosso amigo Snr. Ernesto de Moura, pelo que lhe damos os nossos parabens.
 —Cumprimentamos no domingo o nosso distincto collaborador e amigo Snr. Mourão da Encarnação.
 —Retirou para sua casa de Amaranthe o nosso prestigioso correligionario e amigo Ex.^{mo} Snr. Dr. Casimiro Barreto Saechetti, muito digno Par do Reino.
 —Regressou de Lisboa a sua casa da rua do Seixal a Snr.^a Maria do Carmo Gomes dos Santos, dedicada irmã do nosso amigo e correligionario Snr. João d'Oliveira Faneco.
 —A bordo do paquete *Lanfranc* chegou o nosso estimado assignante Sr. José Maria da Graça Afreixo, muito digno empregado dos Armazens Bon Marché, do Pará.
 Boas vindas.
 —Tem passado encommodado o nosso amigo e assignante sr. João Ferreira Soares Gomes, a quem desejamos promptas melhoras.
 —Chegou no sabbado a S. Vicente, de regresso de Lisboa, o nosso dedicado amigo e correligionario sr. Antonio Alves da Cruz. Acompanham-no sua ex.^{ma} esposa D. Maria das Dôres Côrte Real e seu filhinho Antonio.
 —Passou no dia 23 o seu anniversario o nosso amigo sr. Antonio Augusto de Abreu, digno sub-inspector do caminho de ferro.
 —Passa encommodado de saude o sr. José Maria de Pinho Valente.
 —Fizeram annos no dia 22 a menina Rosa Marques da Silva, No dia 23 o sr. Armindo Ramos, Hoje a ex.^{ma} sr.^a D. Joaquina Pereira Dias.
 E no dia 27 ha de fazel-os a menina Anninhas Paes, filhinha do sr. Manoel da Silva Paes. Parabers.
 —Acha-se quasi restabelecido de saude o sr. Antonio da Silva Brandão.
 —Passa no dia 28 de maio o anniversario natalicio do Rev. Padre Emilio Müller, Dig.^{mo} Director do conceituadissimo Collegio de Santa Maria do Porto. Consta-nos que lhe estão preparando verdadeiras surpresas os collegiaes d'aquelle estabelecimento de educação e ensino.
 Os nossos sinceros parabens.

Revista das cadernetas
 Todos os mancebos que estiverem sujeitos á 1.^a e 2.^a reservas pertencentes ás freguesias d'este concelho devem apresentar as suas cadernetas nos dias abaixo designados:
 Para os de Ovar no dia 5 de junho. Vallega, S. Vicente e Maceda a 12. Arada, Cortegaça e Esmoriz no dia 13.
 O local para isto destinado é nos Paços do Concelho e principiará ás 10 horas da manhã.

reitor—Parece-me que não tem grande quéda, não.
 —Valha-me Deus, mas... por que julga v. s.^a isso?—e queira perdoar se sou confiado em perguntar.
 —Cá por certas cousas.
 —E eu que até me parecia que o pequeno fôra mesmo talhado para a vida!
 —Tambem eu o julgava.
 —O seu gosto era ajudar á missa.
 —Olha lá se o vês agora!
 —Até pelos seus brinquedos. Olhe que não havia para elle como armar igrejinhas e prégar sermões.
 —Isso agora... emquanto a gostos e brinquedos... parece-me que houve sua mudança ultimamente.
 —Então?
 O reitor hesitava em revelar a verdade inteira a José das Dornas; por isso, a esta pergunta, começou ainda a titubear, e respondeu evasivamente:
 —Sim... creio que já se não entretrem muito com igrejinhas...
 —Ah! pois sim... mas... é que

CONTOS DA SEMANA

Historia d'um conto

(Continuação)

—Fiz um famoso negocio na compra do meu barretinho—dizia João Botija guardando-o debaixo de sete chaves, depois de o escovar muito bem para lhe não dar a traça. Não é nada o capital que me entra pela porta! Pois olhem o tonto do Joanico, aquillo é que é um palerma, que por uns miseraveis duzentos mil reis me vendeu esta mina d'oiro!
 E todos os dias, sem falta, ia á confeitaria, empanturrava-se, lançava o barrete ao ar e sahia sem pagar um real. Até que emfim uma noite em que o sr. João Botija comia uma batata que lhe não cabia na bocca, disse-lhe a confeitaria:
 —Então, *senhô* João, quando paga esta contantina?...
 João ficou com a batata na mão e bocca aberta, e por unica resposta tirou o chapéu, atirando ao ar o barrete vermelho.
 —Não se assuste,—replicou a confeitaria—que não é facada. Se hoje não traz, amanhã pagará tudo.
 —Mas não vê a senhora o barrete que trago na cabeça?
 —Bem o vejo, que não sou cega.
 —Mas é que quem usar este barrete não tem que pagar nada, nem aqui, nem n'outra parte.
 —O senhor está louco... Onde está esse ajuste?
 —Nos duzentos mil réis que me custou o tal barretinho.
 —Com isso é que eu não tenho nada que ver.
 —Sim?... pois espere ahi sentada que eu venha pagar-lhe os doces.
 —Veremos!... Era o que faltava que estivesse aqui uma pobre ganhando a vida, para que a viessem roubar os freguezes ricos!
 —Senhora, senhora, não me falte ao respeito!... os doces que eu lhe cômoo, estão já pagos!
 —Mentira, mentira!
 —Senhora!
 —Sim, senhor, mentira descarada; e ha de ir á cadeia por ladrão ou eu perco o nome que tenho!
 João Botija perde as estribeiras, agarra uma travessa de merenque e pespega com ella na cabeça da confeitaria. A mulher grita, acode a visinhança, apparece a policia; fazem que João Botija alargue os cordões á bolsa, e á força levam-no a casa para lá o atarem por louco.
 Olhe que, seu guloso aventureiro, em vez de rico, fosse pobre, dormiria na cadeia aquella noite; e o meu menino não dorme, não?...
 (Continua)

Docente
 Tem experimentado algumas melhoras, com o que nos congratulamos, a dedicada esposa do nosso presado amigo e assignante, Sr. José Soares de Pinho Junior, illustre professor official, que de ha tempos se acha doente.
 agora tem já outras canceliras... Os estudos...
 —Ah!... os estudos... E' o que me lembra.
 —Olhe, snr. reitor—continuava José das Dornas, um tanto incrédulo a respeito da mudança de inclinação do filho—eu, finalmente... sim... como o outro que diz... não sei lá as razões que tem v. s.^a para pensar d'essa forma... mas a mim está-me a parecer que v. s.^a se engana.
 O reitor tinha attingido os limites da sua grande paciencia. Esta dúvida de José das Dornas, ainda que formulada a medo, acabou de resolver-o a ser mais explicito.
 —E se te disser, José das Dornas,—exclamou elle, parando e voltando-se para o seu interlocutor—se eu te disser que o teu filho Daniel, apesar dos seus doze ou treze annos, que será a idade d'elle, tem já na aldeia a sua conversada?
 José das Dornas parou como fulminado.
 O snr. reitor continuou o seu caminho.
 (Continua).

O partido regenerador-liberal em Coimbra

Impossivel darmos hoje o relato da festa a que presidiu o Sr. Conselheiro Vasconcellos Porto, nosso querido chefe. Chegou a Coimbra no dia 21, hospedou-se no Paço Episcopal, Presidiu á sessão solemne. Alem do Ex.^{mo} Snr. Vasconcellos Porto, fallaram n'esta sessão e nos brindes do banquete, os nossos distinctos correligionarios Dr. Araujo e Gama, Conselheiros José de Novaes, Teixeira d'Abreu, Martins de Carvalho, Dr. Fortunato d'Almeida, Annibal Soares, Dr. José Tavares etc.
 Para a semana daremos noticia mais circunstanciada.

Agradecimento

A familia da fallecida D. Maria Thereza Camossa agradece, muito reconhecida, a todas as pessoas que lhe deram pezames e ás que assistiram ao funeral da mesma senhora.
 Ao Rev. Clero e á «capella dos Bombeiros Voluntarios» que, gratuitamente, assistiram ao dito funeral, também lhes fica muito grata.
 Ovar, 19 de maio de 1910.

Passagem

Em digressão a Aveiro, passou aqui, em comboio especial, o Collegio do Espirito Santo de Braga. Do Porto veio um rebocador para fazer o serviço durante o passeio fluvial na ria e barra de Aveiro. Por esse motivo houve feriado no Lyceu e em todos os estabelecimentos scientificos daquela cidade.

ECHOS DE VALLEGA

Devido a um *estravio de correspondencia* não foi annunciada a festa do Immaculado Coração de Maria, que com toda a solemnidade se realisou no domingo transacto na igreja parochial. Constou de manhã de missa solemne, Santissimo exposto e sermão pelo eminente orador sagrado Padre Conde, dig.^{mo} Abbade de Paramos.
 De tarde houve vespersas solemnes, sermão pelo mesmo orador sagrado e procissão.
 O Rev. Padre Conde, tanto de manhã como de tarde, houve-se á altura dos seus credits, discursando, e muito bem, sobre as glorias de Maria e a sua valiosissima intercessão.
 Abрилhantou a solemnidade a Capella Ovarense sob a regencia do sr. Benjamin da Silva.
 A decoração do templo esteve a cargo do habil armador de S. João da Madeira.
 —Mais uma proesa de malvados. No dia 21 enterrou-se na visinha freguezia d'Avanca uma infeliz mulher, victima da barbaridade dos lapios. Estes, sabendo que possuia alguma coisa e como vivesse sozinha, entraram-lhe em casa de noite, dirigiram-se ao quarto em que dormia, cravaram-lhe um punhal no peito para mais seguros poderem apoderar-se de tudo o que ella possuia; porque os labios fechados pela morte não mais se abrem. E' com este sangue frio e semcerimonia que se tira do numero dos vivos um nosso semelhante. Oh! como a nossa epocha está! Para-se satisfazer hoje uma paixão a nada se olha, ante nada se recúa, sendo licitos todos os meios, ainda que vão contra todos os direitos da lei da natureza e da razão.
 —Já regressou de Monsão o nosso Rev.^{mo} Abbade, tendo sua ex.^{ma} mãe encontrado sensíveis melhoras, considerando-se fora de perigo.
 —Parece que no proximo domingo será estreado o órgão-harmonium.
 Ora até que emfim! No entanto, n'este ponto, sou como S. Thomé, sem ver não acredito, e porisso para a semana talvez já dê noticias mais precisas sobre o assumpto.
 Vallega, 23-5-910.
 Jospin.

HISTOGENO

Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitaes da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da TUBERCULOSE, Dia-

betes, Anemia, Neurasthenia e doencas consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á

TUBERCULOSE
O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

LLOPIS

Precever contra os productos similares que na pratica tem demonstrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.

Feça-se sempre o **Histogeno Llopis** Unico que cura Unico inalteravel

Para a cura da **DIABETES** preparamos o *histogeno anti-diabetico*, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos a tratamento do *Histogeno anti-diabetico*.

Formas do **Histogeno Llopis** **Histogeno liquido.** - **Histogeno granulado.** **Histogeno anti-diabetico.**

Preço do **Histogeno Llopis** **FRASCO GRANDE, 1\$100** reís. - **FRASCO PEQUENO, offerta GRATIS** aos pobres do Dispensario anti-tuberculoso, Santa Casa da Misericordia e Hospital do Rego.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, C. Mahony & Amaral, Limitada, rua d'El-Rei, 73-2.º - No Porto: Antonio Cerqueira da Motta & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 115.

ARMAZENS da CAPELLA
A primeira casa das Carmelitas n.º 70
PORTO

Grande sortimento de casimiras para fatos, Tecidos de lã algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, morins etc., etc.

Vendas a preços baratíssimos

ESPINGARDAS DE CAÇA E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de cartuchos de caça e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»
Vibrador «Varno»
Sorvetelras, etc., etc.

CASA LINO
40, Praça de D. Pedro, 41
PORTO

AZULEJOS

FABRICA DE LOUÇA DAS DEVEZAS
DE
José ereira Valente, Filhos
RUA D. LEONOR, 114 A 134
Villa Nova de Gaya - Devezas

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo. Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro.

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar. Cuidado, pois.

FABRICA DE TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira, ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª, 21\$000; 2.ª, 16\$000; 3.ª, 13\$500 REÍ\$

Isto sem desconto algum

FABRICA: **LARGO do MARTYR**

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

Proprietarios: **PEIXOTO, RIBEIRO & C.ª**

PAPÉIS PARA FERRAR CASAS

Das principaes fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido o deposito da Fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha
178, R. de Santo Antonio. 180-PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

Preços os mais convidativos
Endereço telegraphico: AZULEJOS - Telephone, 279

Estabelecimento de Merceria e Deposito de Garrações

DE MARQUES & ARAUJO
LIMITADA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua de S. João, 44 e 45 - Porto Telephone, 616

Uma visita á PHOTOGRAPHIA CARVALHO
R. do Passio Alegre, 27 e 29
ESPINHO

TODOS os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana. Retratos coloridos a óleo, aguarella e pastel. Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim. Miniaturas a óleo para medallhas, o que ha de mais moderno e haas, o que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartomagem e photographia moderna. Ampliações e reproduções de qual-quer retrato. Transformação de vestidos e penteados

Preços sem competencia

Vidraria S. Bento
DE
Manoel Alves Barbosa
Praça Almeida Garrett, 20
PORTO

Especialidade em cry-taes, vidrarias diferentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

AGUA DO BARREIRO

Cura radicalmente a ANEMIA, CHLÓROSE, as DOENÇAS do ESTOMAGO e MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS

Deposito em Ovar: **Viuva de Silva Cerveira.**

MOREIRA, GUIMARÃES & C.ª
37, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 38-A
Exposição de todas as novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Berlim e Vienna

Especialidade em tecidos para campo e praia

ATELIER DE MODISTA

Enviem-se amostras na volta do correio

José Bernardo Carlos das Neves
221, Rua das Flores, 226 (Esquina do Souto) - PORTO
(CASA FUNDADA EM 1776)

Especialidade em CHA' e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia. MASSAS alimenticias. CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 rs. o kilo

IMPORTAÇÃO DIRECTA
PUREZA das QUALIDADES

ALBERTO MILHEIRO
Cirurgião dentista
Prothese e operações dentarias

PASSEIO ALEGRE, 10-1.º
(Em frente ao coreto da Graciosa)
ESPINHO

FLORES ao SS. Coração de Jesus

Meditações para o seu mês ou qualquer tempo do anno revistas por **Mgr. Manuel Marinho** Aprovado e indulgiado Preço enc. 300 reís

MEZO SAGRADO CORAÇÃO
PARA USO DE QUEM TEM POUCO VAGAR
Preço - 50 reís

Vendem-se na Typographia **Fonseca & Filho** Rua da Picaria, 74 e nas livrarias.

FOSFODOGLICINA De Lemos & Filhos

Maravilhoso medicamento para a cura das escrophulas, rachitismo, anemia, neurasthenia, etc. Ensaiado com grande exito em quasi todos os hospitaes do paiz, recommendado por centenas e attestados medicos de professores, especialistas, etc. Pelo aspecto, pelodsabor, e pelos magnificos resultados que produz, é superior ao oleo de fígado de bacalhau, e seus derivados.

Milhares de curas. Especifico para as creanças fracas

DEPOSITOS GERAES
Porto - Pharmacia Lemos & Filhos. Praça de Carlos Alberto, 31.
Lisboa - Drogaria Pimentel & Quintans. Rua da Prata, 194
A' venda em todas as pharmaeias e drogarias do reino
Preço conforme a quantidade

TYPOGRAPHIA
DE
JOSÉ F. DA FONSECA & FILHO
72 - Rua da Picaria, 74 - PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um consideravel melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

Especialidade em bilhetes de visita e em trabalhos de phantasia

REGENERADOR LIBERAL OVAR

ILL.ª SNR.